



Minha chegada à Radio Jornal do Brasil coincidiu com minha chegada ao jornalismo. Eu fazia duas faculdades, Ciência Sociais de manhã, na UFRJ, e Jornalismo à noite, na PUC. Em 1982, no quinto período, uma amiga, Querima, me falou que o Rádio estava recrutando estagiários. Uma oportunidade enorme, e lá fui eu. Depois de algum tempo, em 1983, fui chamado, estágio de seis meses, renováveis indefinidamente, a depender do mérito.

Foi assim que conheci o querido Ramiro Alves. Apenas três anos e meio mais velho do que eu, Ramiro, com 25 anos, já exercia uma das posições mais estratégicas da Rádio JB AM, a primeira "all News" do Brasil e, então a de maior prestígio, comandada por Procópio Mineiro, chefe de Rádio-Jornalismo. Havia quatro edições diárias do noticioso "O Jornal do Brasil Informa", conhecido como "JBI": seis e meia da manhã, meio dia e meia, seis e meia da tarde, e meia noite e meia. Pelo horário, o JBI das seis e meia da tarde era o de maior importância, na época na voz de Maurício Figueiredo (mas também na de Orlando de Souza), dois dos maiores locutores do rádio brasileiro. Ramiro era o responsável por analisar todas as entrevistas feitas por todos os repórteres e selecionar aquelas importantes o suficiente para estar no JBI. Feita a seleção, ele negociava com a editora-chefe Regina Bodstein o que iria ao ar. Era função dele, e só dele, redigir o que o locutor diria e escolher o trecho mais importante da entrevista. Regina era muito ciosa, competente e ágil, e gostava que os textos tivessem um padrão, um mesmo diapasão. Assim, além do dela, só iam ao ar três textos: os que Ramiro escrevia (ou reescrevia, a partir dos textos dos repórteres), os que Carlos Grandin, responsável pelas notas nacionais, escrevia (ou reescrevia) e os que Alceste Pinheiro, responsável pelas notas internacionais, escrevia. Ramiro ainda deixava gravações para outros JBIs e blocos de entrevistas curtas que iam ao ar a cada 15 minutos, dia e noite adentro. Jornalistas de alto padrão, como Venerando Martins e Roberto Dufraayer, comandavam as edições de meio dia e meia e meia noite e meia, respectivamente. Era um time de ouro.

Mas minha proximidade, e aprendizado, era mais com o quarteto (Regina, Grandin, Alceste e Ramiro) do JBI das seis e meia da tarde: era aquele o meu turno de trabalho. O JBI era montado por Regina dentro do estúdio, porque era muito raro que tudo ficasse pronto a tempo: à medida que as notas fossem ficando prontas, ela ia paginando, dando nota por nota para o Maurício ler, e, por milagre e extrema competência, tudo ia ao ar com coerência.

Ramiro foi gentil comigo de cara.

Como a me testar, o chefe de reportagem, Paulo Lima, determinou: minha primeira tarefa seria entrevistar Dona Marina Araújo, que, por anos a fio, foi a coordenadora da Feira da Providência, que sempre acontecia em meados de novembro. Mas estávamos em maio, que importância poderia ter aquela entrevista?

Não me deram um desses gravadores pequenos, que já existiam, mas um tijolo. Eu, com medo de sair à rua com um bem precioso, pedi à Beth, secretária, uma bolsa de supermercado, daquelas de papel grosso. Beth debochou muito de mim, mas não liguei. Sai da redação carregando a bolsa e fui ao encontro de Dona Marina, na Avenida Chile. Ela ficou espantada de ser entrevistada tantos meses antes, mas eu, ingênuo, nem entendi por quê: eu tinha preparado 27 perguntas para ela.

Fiz todas, entre elas a que indagava como ela acreditava que seria a relação entre o recém-eleito Brizola, de esquerda, com o Cardeal Dom Eugênio Salles, um conservador. Ela respondeu com a diplomacia de sempre, se despediu e voltou para a reunião. Ainda na sala, ao rever a gravação, percebi que aquele gravador não tinha gravado nada, para meu desespero. Esmurrei a porta, expliquei a situação para Dona Marina, confessei que era estagiário e ela, realmente demonstrando ser uma mulher caridosa, submeteu-se a todo o interrogatório novamente.

De volta à redação, entreguei a gravação para o Ramiro, responsável por revisar as entrevistas. Eu jurava que ele nem ouviria o trabalho de um estagiário, ainda mais 27 perguntas. Mas Ramiro disse que ouviria tudo e me daria um retorno. Pouco tempo depois, ele voltou com aquele sorrisinho (um meio-sorriso muito simpático) e me disse que adorara a entrevista, especialmente a intriga entre Brizola e o Cardeal, e ofereceria para o JBI.

Ramiro foi, assim, o primeiro chefe a me elogiar. Todos nós que somos jornalistas sabemos o prazer indescritível que sentimos ao ver o nosso primeiro trabalho indo ao ar ou sendo impresso com o nosso nome (alguns podem dizer que não se importaram quando isso aconteceu pela primeira vez, mas na certa é por modéstia: o prazer é um frio na barriga misturado com alguma timidez e ao mesmo tempo orgulho). Lembrar esse pequeno episódio, 36 anos depois, ainda me emociona. Com tantos anos de experiência, posso assegurar que não é sempre que alguém tão ocupado interrompe o que está fazendo para dar atenção a um estagiário, atenção real, e, no meio de 27 perguntas, achar uma que preste. Ramiro era assim.

Acabei contratado, minha amizade com Ramiro se solidificou, assim como com Alceste e Grandin, amigos que trago no peito até hoje. Algum tempo depois, uma infelicidade: Procópio Mineiro, que tantas glórias levou à Rádio, foi demitido e, junto com ele, Regina Bodstein decidiu ir embora. Mas o trio composto por Ramiro, Alceste e Grandin permaneceu. Naqueles dias, eu era mais próximo do Ramiro, e decidimos tentar fazer coisas diferentes. O novo chefe de Radio-Jornalismo, que chamarei aqui pelas iniciais L. M., não conhecia nada de jornalismo (tinha sido apenas locutor da Voz da América, esses absurdos acontecem com alguma frequência na nossa profissão, mas sempre passam, não perduram). Esse déficit em jornalismo do novo chefe tinha um efeito colateral muito bom: deixar que nós fizéssemos o que dizíamos ser o certo.

Tive então a ideia de fazer um piloto de um programa semanal sobre a primeira eleição direta para prefeito da Cidade do Rio de Janeiro (por décadas, como Distrito Federal, tinha prefeito indicado e, depois, na ditadura, as capitais não elegiam prefeito). 1985 seria então a primeira eleição. A Rádio tinha um magistral Arquivo Sonoro (com entrevistas até de Freud, dada à BBC). Entrevistas e coberturas históricas, guardadas à perfeição. Eu e Ramiro ficávamos até uma, duas horas da manhã fazendo o piloto, sem ganhar um tostão a mais por isso. Era entusiasmo e diversão. O piloto contava a história do Rio desde a década de 30 do século passado até os momentos que vivíamos, a ideia é que, depois do piloto, toda semana fizéssemos um apanhado da semana, com as falas dos candidatos, os principais lances.

O piloto foi ao ar com muito sucesso. Tanto sucesso, que o Dr. Brito (M. F. do Nascimento Brito, então dono do jornal e da rádio, genro da Condessa Pereira Carneiro) mandou que ele fosse repetido no feriado de Corpus Christi. Ramiro e eu ficamos muito felizes. Mas foi o início de uma crise que marcou as nossas vidas.

Jovens, fizemos os créditos do programa meio ridiculamente. Claro, pusemos o nome de todos que participaram, os técnicos, até do contínuo da redação. Mas a maior parte repetia o nosso nome, nas mais variadas atividades (texto, produção, edição, pesquisa) mais por um realismo ingênuo do que por vaidade. E um detalhe inconsciente, mas que revelava o nosso protesto pela saída do Procópio. Ao fim, contrariando a praxe, não escrevemos: "Chefe de Radio-jornalismo, L. M."

Eu não estava de plantão naquele feriado, mas Ramiro estava. Poucos minutos depois do fim do programa, Ramiro me ligou angustiado.

- Ali, você não sabe o que aconteceu. Um troço de louco.
- O que Ramiro, não faz suspense!
- A mulher do L. M., o novo chefe, ligou, perguntou quem eu era, eu disse meu nome e ela estourou. Disse que eu era um filho da puta, que tinha posto o meu nome e o seu em todos os créditos, mas não o do marido dela. Que aquilo tinha sido uma traição. Eu tentei argumentar, mas foi pior. Ela se sentiu ofendida e disse que eu seria demitido. Que o marido dela era o chefe porque ela, cantora lírica, era amiga do Dr. Brito e perdeu o emprego para ele. E que o marido não contrataria uma ordem dela!
- Ramiro, que loucura, tem certeza? Não foi trote? Olha, fica aí, eu vou para a rádio e resolvemos.

Corri para a Rádio, Ramiro estava entre fazendo piada e manifestando profunda preocupação. O pior é que eu não fui ameaçado de demissão, somente ele. Então eu decidi que, embora ele fosse meu superior, eu ligaria para o chefe e não ele. L. M. tinha acabado de chegar de uma partida de tênis. Atendeu o telefone e eu comecei, com muito cuidado, a narrar os fatos, sem revelar os detalhes sórdidos, para não embarçá-lo ainda mais.

- L. M., eu estou ligando porque eu e Ramiro fizemos por inexperiência uma indelicadeza com você, não pusemos seu nome no fim dos créditos do programa. Sua mulher ligou...
- Minha mulher ligou? Sério? Não, não se importem com isso, não tem problema algum.
- Eu imaginava, L. M., mas a sua mulher tem toda razão.
- Vamos esquecer isso!

Desliguei, e eu e Ramiro demos uma das gargalhadas mais gostosas das nossas vidas, nos abraçamos e eu fui para casa. Na manhã seguinte, bem cedo, recebo em casa um telefonema do chefe. L. M. me deu os parabéns e me comunicou um aumento de 50% de salário em função do programa. Eu agradeci e liguei para o Ramiro, perguntando de quanto tinha sido o aumento dele. Ele respondeu que não tinha aumento nenhum, mas que era justo, já que eu tinha sido contratado antes de me formar (como auxiliar administrativo adjunto IV) ganhando um salário muito ruim.

Duas horas depois, Ramiro me telefonou.

- Ali, estou na Rodoviária. Fui demitido! Eu e Corinto (um estagiário muito competente que ganhava 50% do meu salário, coitado, os meus 50% de aumento).
- Rodoviária, mas por quê, está fugindo?
- Não, claro que não, era o telefone mais perto do prédio do JB (Avenida Brasil 500).
- E você não falou nada, Ramiro? Não disse que era uma vergonha?
- Não, eu fiquei tão nervoso que virei as costas e saí.
- Nada disso, Ramiro, volta agora para a Rádio, me espera no térreo que a gente vai contar tudo para o chefe de L. M. (todo chefe tem um chefe).

Voei para a Rádio, da portaria Ramiro e eu ligamos para o chefe do chefe, que vou chamar aqui também somente pelas iniciais, C. T., e pedimos para sermos recebidos. Ele topou. No sétimo andar, caminhando em direção à sala indicada, que ficava atrás da Redação, L. M. me segurou, afastando-me do Ramiro, e disse que queria me manter na empresa, que gostava do meu trabalho, mas que eu precisava jurar que a mulher dele não tinha ligado. Eu me virei e disse que ele era maluco e que me deixasse em paz. Ramiro e eu passamos duas horas na sala do C. T., o chefe do chefe. Contamos tudo em detalhe. Eu pedi demissão. C. T. prometeu rever as demissões do Ramiro e do Corinto. Fizemos questão de sair por demissão, não de uma fase dentro da redação. L. M., quando me viu, disse no meu ouvido:

- Você é um filho da puta e está demitido!

Eu gritei para todo mundo ouvir que ele não estava me demitindo porque eu já tinha me demitido. E contei, alto e bom som, para todos, o que tinha acontecido. Que L. M. era maluco, que tinha uma mulher maluca, que tinha obedecido as ordens dela e demitido um dos mais capazes de nós e um estagiário para cobrir o meu aumento. Indigno como os indignos, o L. M. tirou o paletó e estufou o peito, perguntando: "quer brigar, quer brigar"? Eu e Ramiro nos viramos e fomos embora.

À noite, nos reunimos na casa de uma colega, Ana Dalva Faria, já falecida, cujo retrato tenho em minha mesa (mais tarde a meu chamado ela trabalharia por muitos anos no Globo). Meiga, mineira, inteligente, solidária. A reunião era para discutir o escândalo e o que fazer. Estávamos confiantes no que o chefe do chefe havia nos prometido (o chefe, com as demissões, mas nem tanto. No dia seguinte, soubemos que o C. T., o chefe do chefe, havia feito um acordo com seu subordinado L. M. para diminuir custos e, além de se livrar de mim, Ramiro e Corinto, livrou-se também de Ana Dalva Faria e Nilo Sérgio Gomes (presente também na reunião da noite anterior). Para isso, inventaram ao Dr. Brito a mentira de que nós havíamos pichado a redação pedindo aumento.

Sentimento de ser traído, o primeiro a gente nunca esquece. Mas foi pior. Tudo aconteceu porque eu, um idiota, havia convencido o Ramiro que era casado e já tinha Raoni, um bebê, para sustentar, a trabalhar até tarde para fazer um programa que ninguém tinha nos pedido. Culpa, muita culpa, mas Ramiro, um sujeito extraordinário, tentou a todo custo, mesmo sem sucesso, tirar isso da minha cabeça.

Durante dez dias, fomos ao sindicato do mesmo, no entanto, nada pôde fazer. Caraminhávamos todos os dias pela Cinelândia, e mesmo nessa fase terrível, ele não perdia o senso de humor. Caiu na gargalhada quando eu pedi, jocosamente, que ele parasse de repetir a toda hora: "Que situação!", referindo-se ao drama que vivíamos. "Que situação" virou uma espécie de bordáve de secreto, só nosso, repetido quase toda vez que nós encontramos.

Quando percebemos que o sindicato estava impotente, tive a ideia de acreditar que a justiça era possível. Escrevemos uma carta para o Dr. Brito, relatando todas as injustiças de que fomos vítimas. E, depois de muita peripécia para fazer a carta chegar até ele (mil estratégias traçadas, porque a carta sempre acabava no lixo), recebemos uma resposta que nos marcou. A justiça era possível, havia justos no mundo. A resposta assinada por Dr. Brito era lacônica, mas dizia tudo: "Recebi carta com várias assinaturas datada do dia 12 de junho próximo passado. A mencionada carta foi enviada aos setores competentes para providências".

Tenho a carta emoldurada na minha sala de trabalho até hoje. As providências? A demissão de L. M., o então chefe de jornalismo, não cometera a injustiça, foi o convite para que retornássemos. Não foi preciso para a maior parte de nós. Ramiro já tinha se empregado na Tribuna da Imprensa, então passando por uma fase de criativa e séria reformulação sob o comando de Ricardo Gontijo, e eu estava já na rádio, uma revista semanal de projeto arrojado, que antecipou algumas tendências que viriam depois. Ambos com salários melhores do que na Rádio.

Nossa amizade só cresceu. Conto esse episódio nesse momento tão triste, em que perdemos tão precocemente o Ramiro, porque não pode ser esquecida uma história bonita assim, que mostra a generosidade dele, a dignidade dele, nossas reações em nossos anos de formação. Ao menos para os amigos, ao menos para Raoni e Tainá, seus filhos.

A vida seguiu, eu e Ramiro continuamos amigos, acompanhamos a vida de um e de outro, sempre com muito carinho de ambas as partes. E Ramiro me proporcionou mais uma lição.

Depois da Afinal, fui para a Veja, onde trabalhei por quase três anos, até aportar no Globo em 1989, onde já encontrei o Ramiro, não me recordo em que posição. Os anos se passaram, e em 1997 ele era editor de O País, um cargo muito importante. Eu era o editor-chefe. Nunca tivemos problemas em sermos amigos numa situação em que havia uma hierarquia.

Um dia triste chegou novamente. Ramiro foi demitido por razões que nada tem a ver com o seu talento de jornalista (na vida de trabalho, há desgastes que se acumulam, discordâncias nos métodos de trabalho, idiossincrasias e outras coisas que estão fora do nosso controle). E eu, seu amigo, era o editor-chefe. Foi duro para mim, foi duro para ele. Ramiro fez tudo para facilitar a minha vida, não brigou, não pediu para ficar, ouviu o que eu tinha a dizer, acreditou na minha amizade. Aquela demissão foi um turning point na minha vida. Eu estava no cargo de editor-chefe havia um ano e nove meses (fui promovido aos 33 anos). E, cedo, não cedo, aquela demissão me ensinou que não importa a nossa posição, muito cedo, podemos tudo, nunca conseguimos realizar apenas aquilo que desejamos. Nossa posição têm ônus, alguns muito duros. Não conto essa história sem tristeza, não me orgulho dela, mas também não me envergonho. Fui transparente com ele. Conto essa história porque é verdadeira, porque mostra enaltece o Ramiro, na medida em que ele não me constrangeu, e porque mostra que a vida lhe prega peças, mas que você pode extrair lições desses momentos tristes.

Nossa amizade seguiu, houve um momento de afastamento natural, mas o carinho de sempre ressurgiu em pouco tempo. Eu acompanhei a trajetória dele, ele, a minha. Mesmo quando passávamos um tempo sem nos falar ou nos corresponder por e-mail, bastava um encontro para a amizade e a admiração voltarem intactas.

Depois do Globo, Ramiro seguiu sua trajetória com brilho. Trabalhou na TV Bandeirantes, foi editor da Istoé em São Paulo, num dos bons períodos da revista, foi da assessoria de imprensa de Guido Mantega quando este foi ministro da Fazenda (e desempenhou as funções com a honestidade de sempre), tornou-se Publisher da empresa Ejesa, dos jornais O Dia, Meia Hora e Brasil Econômico, além do portal IG, e, por fim, abriu empresa de assessoria com seu amigo, o grande Aziz Filho.

Nosso último encontro pessoal foi em outubro de 2016, nos Estúdios Globo, no dia do debate dos candidatos a prefeito (ele assessorava um deles). Como eu já disse, retomamos a conversa como se ainda fôssemos ambos os garotos da Rádio Jornal do Brasil. Ele com o aquele sorrisinho (às vezes escondido pela mão no rosto, quando achava que estava contando algo que não devia). Falamos da vida, dos planos, focamos, ele falou da campanha naquele ritmo de quem quer recuperar tudo que deixamos para falar naqueles poucos instantes.

Só voltei a falar com ele, por mensagem, quando nosso querido amigo Alceste me deu a notícia de que tinham diagnosticado nele um câncer.

- Salve Ramiro, aqui é o Ali. Tenho recebido notícias suas pelo Alceste! Como vão as coisas?
- Olá!!! Tudo bem? Eu estou no meio da quimioterapia, o que me deixa um pouco cansado, mas estou firme. A avaliação geral é muito boa... como falei com o Alceste espero sair dessa logo... e aí vamos marcar um jantar como nos velhos tentos para falar besteira, discutir e beber um vinho... esse processo me levou a pensar muito na vida, no que é importante... e você é parte inescapável da minha história... abração!
- Sem dúvida. Estou na torcida para que o tratamento acabe logo e a gente se veja! Gosto muito de vc! Sempre saiba disso!
- Eu sei!
- Eu sou meio ermitão. Gosto mesmo sem ver sempre. Meio maluco isso. Mas chego sempre exausto em casa, mal saio. Ermitão!
- Mas quando eu tiver alta, vc vai sair pelo menos uma vez... temos um passado a zerar... rrsrrs

Eu conto com sinceridade: naquele momento, eu li "temos um passado a zelar". E não "temos um passado a zerar". Respondi, com alegria, porque precisávamos mesmo zelar pelo nosso passado:

- Verdade, com certeza! Vou mesmo!

Gostaria de acreditar que tudo o que escrevi é verdade, que zelamos pelo nosso passado e que zeramos o episódio triste da demissão. Afinal, logo depois, o carinho continuou o mesmo, inclusive nesse derradeiro diálogo. Mas vejo agora que não, apesar dos carinhosos rrsrrs. Ramiro com certeza retornou logo a nossa amizade, mas ainda tinha perguntas que não pôde fazer para "zerar" o nosso passado. Perguntas que ele feria e que eu agora jamais saberei. Perguntas que não poderei responder. Isso dói.

Eu poderia ter enfrentado com menos verdade o episódio da demissão do Globo, omitido esse último diálogo que só compreendi claramente agora ao reproduzi-lo. Mas não seria eu. Não seria justo com o Ramiro.

Eu escrevo esse relato na noite de quarta-feira, 23, sabendo que Ramiro, em casa, sedado, aguarda o momento final. Escrevo com muita dor, mas escrevo um relato para homenagear o Ramiro, para celebrar a vida, celebrar a amizade, que é assim, feita de encontros e desencontros, episódios alegres e tristes, fatos que zeramos e que deixamos de zerar (às vezes inadvertidamente, como no episódio que contei). É esse o meu objetivo. E, também, para reiterar, com tristeza, algo que todos nós sabemos: não deixemos para depois o que se deve zelar ou zerar na hora. A vida não espera. Eu tenho de ser menos ermitão.

Como eu gostaria que o Ramiro lesse esse texto. É expressão da minha amizade, expressão da minha admiração, expressão do meu carinho, expressão da minha sinceridade. É uma forma de zelar pelo nosso passado, mesmo que, para ele, houvesse coisas a zerar.